



## Religião no contexto da COVID-19 em Moçambique: Desafios e oportunidades adaptativas

Chapane Mutiua  
CEA|UEM

### Resumo

O presente *policy brief* analisa o papel da religião no contexto da pandemia de COVID-19 em Moçambique, procurando mapear os seus desafios intrínsecos e oportunidades de implementação de uma agenda de prevenção e mitigação da COVID-19. Com recurso a revisão de literatura, intervenções de líderes religiosos e webinars sobre o tema, argumenta-se que a pandemia de COVID-19, por um lado, impôs importantes limitações no exercício das actividades religiosas devido ao encerramento dos espaços de cultos colectivo, gerando para algumas instituições religiosas problemas de ordem financeira devido a interrupção da colecta de dízimos; e por outro lado, abriu oportunidades para ampliar o seu envolvimento em acções de solidariedade na procura de minimizar o impacto da COVID-19 na sociedade moçambicana.

Nesta análise conclui-se que, por um lado, os grandes desafios que a religião pode impor à sociedade neste período de pandemia situam-se na problematização da primazia da prosperidade material baseada em “falsas profecias” pregadas por algumas igrejas pentecostais e na possibilidade de se gerar atitudes e comportamentos de fanatismo religioso através de discursos religiosos que associam a pandemia ao pecado e, por outro; que maior parte dos rituais praticados nos locais de cultos em Moçambique e em várias partes do mundo, tais como a transe, o sermão, o canto, a hóstia e comunhão, as recitações em voz alta assim como as condições dos edifícios onde ocorrem os cultos tornam as instituições religiosas em potenciais propagadores do vírus causador da COVID-19.

À guisa de recomendação, consideramos que ainda não era oportuno que se autorizasse o retorno aos cultos abertos ao público num momento em que o país está em propagação comunitária em duas cidades (Nampula e Pemba) e caminha para o mesmo cenário em outras duas (Matola e Maputo). Entretanto, dada a última comunicação presidencial que autoriza o reinício dos cultos, é premente que se assegure a observância das medidas de prevenção e que se aprimore os mecanismos de fiscalização dessa observância incluindo o encerramento imediato das casas de culto que não observem tais medidas. Por outro lado, recomenda-se a contínua prossecução do diálogo entre diferentes actores sociais com vista à promoção de um equilíbrio na materialização dos direitos religiosos, capitalização do contributo da religião no âmbito social e espiritual, imprescindíveis em tempos de crise, e nas intervenções de mobilização e engajamento das comunidades religiosas na difusão de medidas de prevenção e mitigação da COVID-19.

## Introdução

A religião, na sua concepção mais ampla, é definida como um conjunto de crenças e comportamentos acerca de uma visão partilhada sobre o mundo que separa o sagrado ou sobrenatural do profano (Chung 2018:486). Esta concepção desenhada a partir das teorias behaviorista e psicossocial enfatiza a capacidade que o fenómeno religioso tem de promover consensos e aceitabilidades de determinadas visões ou factos socialmente concebidos.

O modelo da religião baseado no conhecimento institucional que construído a partir da experiência desse pressuposto teórico, veio enfatizar as habilidades comunicativas e da linguagem religiosa para gerar mundos alternativos independentes de factos empíricos imediatos, o que torna a crença religiosa e os modelos de conhecimento que suportam as demais instituições no geral semelhantes (Wood e Shaver 2018:1). Este modelo, do conhecimento institucional, chama a nossa atenção na capacidade humana de criar mundos e 'realidades' imaginárias que através de crenças religiosas são socialmente aceites como verdadeiros e reificadas através de rituais e comportamentos (Wood e Shaver 2018:1). Tal capacidade permitiu à religião reinventar-se no mundo moderno face às tendências reducionistas da concepção modernista e pós-modernista do Estado por via da laicidade e secularismo.

A religião surge nos séculos XX e XXI como um dos fenómenos sociais que mais cresce e como uma das instituições que mais influência exerce no espaço público, realçando a importância da interação entre o campo religioso e o campo social, seja sob o ponto de vista local assim como universal (Cruz e Silva 2014:428).

A partir desta perspectiva, em contextos como o que se vive hoje, da pandemia da COVID-19, não se pode ignorar o papel da religião como um factor que pode influenciar as buscas de soluções mas também como elemento potencialmente desafiador ao esforço de encontrar essas soluções. Pois, por um lado, o discurso religioso é

o maior instrumentos de motivação, persuasão e mobilização de acções individuais e colectivas, e por outro, a religião quando em conflito com o poder político pode se transformar numa poderosa fonte de resistência, rebelião e revolução contra o poder dominante (Urban 2005:7253).

Este *policy brief* procura explorar as oportunidades e desafios que a religião enfrenta ou pode gerar na sua relação com a sociedade no contexto da pandemia da COVID-19.

## Metodologia

Este *policy brief* é baseado na revisão de literatura, fundamentalmente, de jornais e revistas eletrónicas, sítios especializados, palestras de líderes religiosos e reportagens disponíveis em canais de Facebook e Youtube, além dos resultados do webinar em que se discutiu publicamente os principais achados desta reflexão.

## Experiências globais sobre a Covid-19

Desde que a pandemia da COVID-19 eclodiu em Dezembro de 2019, na cidade industrial de Wuhan, na China, o mundo assistiu ao cancelamento de eventos religiosos de importâncias que variam desde o local ao global.

Em Abril o Vaticano decidiu fechar ao público as celebrações da semana santa para evitar a habitual aglomeração de peregrinos oriundos de várias partes do mundo (Burke 2020:1). Os muçulmanos de todo mundo celebraram o sagrado mês de Ramadan longe das mesquitas e sem a convivência social que caracteriza o jejum e a festa do *eid el-fitr*, enquanto as orações nas mesquitas incluindo a de *Jumrah* (sexta-feira) foram canceladas (Machado 2020). A Arábia Saudita, o maior centro de peregrinação muçulmana cancelou as celebrações do *Umrah* (uma versão mais curta do *Hajj*), fechou o acesso ao *al-Kaaba* (pedra sagrada) em Meca e a mesquita do Profeta em Medina (Hannah 2020), enquanto para o próprio *Hajj*, um dos maiores eventos religiosos do mundo que faz parte dos

cinco pilares da fé muçulmana, consistindo na peregrinação às cidades de Meca e Medina, este ano ficou limitado apenas aos crentes residentes dentro do território da Arábia Saudita. Porém, as celebrações do *eid al-adha* que marcam o encerramento do *Hajj* tiveram lugar em todas as comunidades muçulmanas do mundo de forma diferenciadas, variando entre a realização da oração em família apenas (EUA e Iraque, especificamente a cidade de Bagdad), a implementação de distanciamento físico e social nas mesquitas (algumas cidades do Reino Unido e Alemanha), e uso máscaras (Indonésia e Índia) (Javed 2020; Khan 2020; ASSOCIATE PRESS 2020). Considerados partes importantes deste ritual, o aperto de mãos e a troca de abraços, não foram evitados na maioria dos casos em que o *eid* foi celebrado publicamente, o que dessa forma viola, consciente ou inconscientemente, os protocolos estabelecidos globalmente no contexto do combate a pandemia da covid-19.

Com o encerramento dos locais de cultos, mencionado anteriormente, algumas instituições religiosas encontraram outras formas de fazer chegar a sua solidariedade àqueles que precisam. Nos Estados Unidos, por exemplo, diversas comunidades religiosas implantaram hospitais de emergência e criaram programas de entrega de alimentos e apoio a pequenas empresas. É o caso da Bolsa do Samaritano, organização religiosa humanitária que instalou hospitais de campanha em Nova York e Milão (ShareAmerica 2020). Impulsionados pela doação de *el-Fitr*, realizada no mês de Ramadan, muçulmanos americanos prestaram serviços de voluntariado em hospitais para tratar de doentes de covid-19 enquanto a Fundação Zakat da América doou milhares de luvas para exames médicos em hospitais de Chicago (ShareAmerica 2020). Por seu turno, a Hope International, instituição de caridade cristã, criou um fundo com o qual está ajudando pequenas empresas na América Latina, Europa Oriental, África e Ásia.

No entanto, contrariando estas medidas abonatórias à luta global contra a COVID-19, eventos ligados a instituições religiosas (por exemplo grupos de canto coral e alguns rituais

religiosos) ficaram classificadas no top 3 entre os chamados ‘super-spreaders’ juntamente com reuniões familiares alargadas (Haridy 2020; Kim e Dalrymple 2020).

Na cura, mas célere história da pandemia da COVID-19, várias instituições religiosas foram consideradas como epicentros das maiores infeções massivas em países como a Coreia do Sul, França, Alemanha, África do Sul e Estados Unidos da América.

No caso da Coreia do Sul, a Igreja Shincheonji na cidade de Daegu foi apontada como o maior epicentro da contaminação pela COVID-19 no país, através de uma cerimónia religiosa havida em Fevereiro. No Irão o maior foco de infeções foi a cidade santa de Qom, onde apesar do avanço da pandemia os locais santos permaneciam abertos a visitas de peregrinos que ignoraram as medidas de prevenção, lambendo e beijando os sítios sagrados (Guimarães 2020).

Na França, uma cerimónia religiosa havida em Fevereiro na Igreja Pentecostal Porta do Sol Cristã, na localidade de Haut-Rhin, Alsácia, foi considerada o maior foco de infeção com 587 casos positivos entre seus participantes (Fernandes 2020). Na Alemanha, em Maio, a cidade de Frankfurt teve também como principal foco de contágio uma cerimónia religiosa que registou 40 pessoas infectadas entre seus participantes (Agência Lusa 2020).

Nos Estados Unidos várias igrejas foram apontadas como principais focos de propagação comunitária do novo coronavírus, sendo os exemplos mais ilustrados os estados de Arkansas, Texas e Virgínia (Porterfield 2020).

Na vizinha África do Sul, foi também um evento religioso, a ‘diplomacia espiritual’ do movimento sionista que se tornou o maior foco de contaminação de covid-19 no país (Dadoo 2020). Pesquisas especializadas apontam como principais motivos que tornam as cerimónias religiosas em eventos ‘super-spreaders’ como sendo as componentes quase imprescindíveis tais como o canto, o aperto de mãos, os abraços e o

próprio acto de oração. O canto e a oração com a projecção de voz facilita o espalhar de gotículas ao ar e às superfícies que por via da aspiração e do toque de mãos propaga o vírus (Kim e Dalrymple 2020; Hernandez e Slaydon 2020).

### Covid-19 e religião: experiências de Moçambique

A sociedade moçambicana tem vivido uma nova realidade religiosa desde os princípios dos anos 1990 com um crescimento acelerado do número de locais de cultos, mas também de novas instituições e/ou organizações religiosas. Um dado concreto que reflecte esta transformação é espelhado pelo último censo populacional (2017) que entre várias mudanças na estrutura demográfica religiosa se destaca o decréscimo da população católica de 28,8% em 2007 para 27,2% em 2017, o crescimento do peso das populações muçulmanas e Evangélicas de 17,9% a 18,9% e 10,9% a 15,3% de 2007 a 2017, respectivamente, e o decréscimo dos não religiosos de 18,7% a 13,9% no mesmo período (INE 2019).

Estes dados enfatizam a crescente preponderância do fenómeno religioso nas sociedades moçambicanas (decrécimo da população não religiosa) e das igrejas evangélicas onde se incluem as igrejas pentecostais e neopentecostais que têm desempenhado papel muito activo na migração religiosa fundamentada, sobretudo, na procura da cura e da prosperidade (Almeida e Monteiro 2001).

Desde que se registou o primeiro caso positivo de covid-19 em Moçambique, em Março de 2020, até a data não houve indicações de existência de contaminação associada a cerimónias religiosas. A rápida reacção das autoridades governamentais e sanitárias nacionais na declaração do estado de emergência assim como o seu cumprimento por parte de maior parte das principais instituições religiosas pode ter concorrido para este feito. Com efeito, grande parte das instituições religiosas nacionais, à imagem do que vem acontecendo pelo mundo fora, cancelaram quase todas as cerimónias religiosas abertas ao público. No entanto, na

abordagem ao cumprimento, pelas instituições religiosas, das medidas emanadas pelo estado de emergência decretado pelo presidente da república a 30 de Março de 2020 e renovado por três vezes deve haver reservas pelo facto de existir muitas congregações religiosas sem registo oficial e que operam em regiões recônditas e subúrbios das grandes cidades que por razões de vária ordem podem violar tal decreto.

Num artigo publicado por Luciano da Conceição a 27 de Março de 2020 para a DW-Made for Minds alertava sobre o facto de algumas instituições religiosas na província de Inhambane (entre elas, algumas mesquitas e igrejas protestantes) continuarem a realizar cerimónias e rituais religiosos com grandes aglomerações de crentes e sem cumprir as medidas de segurança sanitárias exigidas no âmbito da pandemia de covid-19 (Conceição 2020).

Muito recentemente, num período em que a propagação da pandemia regista números cada vez maiores, a Polícia da República de Moçambique surpreendeu crentes muçulmanos em orações colectivas em mesquitas na cidade de Nampula e madrassas funcionando normalmente na cidade da Beira, em clara violação do Estado de Emergência (TVM).

Um outro exemplo é reportado por Bernardo Jaquete em Manica, onde vários líderes religiosos foram detidos pelas autoridades policiais por organizarem rituais religiosos violando as medidas de emergência. Tais rituais foram organizados em lugares recônditos (no cume da montanha Cabeça do Velho) e reuniam mais de cem pessoas (Jaqueta 2020).

Enquanto algumas instituições religiosas se destacam pelo mau exemplo há aquelas que no terreno encontram oportunidades para apoiar a sociedade incentivando o cumprimento das medidas de emergência e aliviando os efeitos nefastos da pandemia. Nas províncias do centro e norte do país (Sofala, Quelimane, Nampula, Cabo Delgado e Niassa), a Comunidade Islâmica de Moçambique (CIMO) tem levado a cabo uma



campanha de angariação de produtos alimentares para posterior distribuição aos mais necessitados (CIMO – Página de Facebook).

No passado dia 12 de Junho, o Conselho Islâmico de Moçambique (CIMO) em parceria com a organização não governamental Visão Mundial, lançaram uma campanha de sensibilização e educação sobre covid-19 através de mesquitas locais e bairros das cidades de Maputo e Matola, numa primeira fase, estendendo-se posteriormente às províncias de Gaza, Tete, Zambézia e Nampula. Este programa visa essencialmente aproveitar as infraestruturas das mesquitas e usá-las como centros de disseminação de mensagens de prevenção do novo coronavírus beneficiando toda a sociedade vizinha independentemente do seu credo religioso (Jornal Notícias, 12 de Junho de 2020).

### **Covid-19: entre a fé religiosa e a racionalidade médico-sanitária – o grande desafio**

Num momento em que a velocidade de propagação do novo coronavírus em Moçambique aumenta o governo abriu a possibilidade de autorizar a abertura dos locais de culto colectivo. Esta medida resulta de encontros havidos entre o Presidente da República e representantes de instituições religiosas, sociedade civil e partidos políticos. O argumento que justificou este posicionamento de acordo com a Ministra da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos (MJCR) é a necessidade de haver um tratamento igual às instituições religiosas a imagem das outras actividades em que já houve relaxamento (José 2020).

No entanto, e como fica evidente a partir dos factos descritos acima, a pandemia causada pela infecção do novo coronavírus tem um impacto bifacial nas instituições religiosas. Por um lado, representa um desafio multifacetado causado pela já mencionada necessidade de encerrar os cultos presenciais com aglomerados de crentes. Mas ao mesmo tempo, tal desafio pode abrir oportunidades a novas formas do exercício da fé

e a consolidação de outras (tais como cultos online e pela televisão ou rádio).

Um dos grandes desafios ao governo, às autoridades religiosas e à sociedade moçambicana no geral é responder a seguinte pergunta: como se pode reabrir os locais de culto (considerados ‘super-spreaders’) num momento em que a curva de propagação sobe a uma grande velocidade?

Talvez se tenha procurado responder esta pergunta com as condições propostas pelo MJCR através da nota número 615/MJCR/DNAR/900/2020 de 22 de Julho de 2020 que se resumem em observar o distanciamento de 1,5 metros entre os crentes; limitação do número de participantes, do número de cultos diários e do tempo por culto; encerramento das bibliotecas; interdição de grupos corais; monitoria das medidas adoptadas pelas próprias instituições religiosas; uso obrigatório de viseiras para quem dirige os cultos; e fiscalização do cumprimento das medidas pelo MJCR.

No entanto, algumas destas medidas podem gerar discussões em volta de igualdade/desigualdade entre as diferentes confissões religiosas enquanto outras podem se tornar falaciosas por serem quase incomportáveis para várias dessas confissões. No caso de desigualdades, por exemplo, o número 8 da nota estabelece 1 hora como tempo limite de estadia do crente no estabelecimento de culto mas o número 5 do mesmo documento atribui 15 minutos como tempo máximo de estadia do crente na mesquita. Apesar dos 15 minutos serem suficientes para fazer o *salat* o facto de haver abertura para ficar até 1 hora pode gerar conflitos de interesses. Por outro lado, 1 hora pode ser tempo exagerado no actual contexto, porque apesar da nota recomendar que os cultos sejam feitos em lugares abertos muitos dos estabelecimentos de cultos são fechados e sem ventilação suficiente. Outra medida de difícil enquadramento na realidade dos locais de culto é a exigência de usar portas diferentes para entrar

e sair quando muitos desses edifícios só dispõem de uma única porta.

Há também a salientar o facto de que grande parte das igrejas pentecostais que operam no país têm a transe como uma componente importante dos seus cultos. As manifestações que se realizam durante o processo de transe pela sua natureza anárquica têm o potencial de romper com todos os protocolos de higiene e distanciamento social dentro dos estabelecimentos de cultos.

Entre os desafios e as oportunidades que este contexto impõe às instituições religiosas se situa a capacidade do equilíbrio entre a fé religiosa - que em tempos de crises e pânico pode facilmente transitar para o fanatismo religioso e a racionalidade médico-sanitária necessária para fazer face a pandemia. Tal desequilíbrio entre a fé religiosa e a racionalidade médico-sanitária no contexto da COVID-19 é causado por duas razões fundamentais: a primeira está relacionada com o facto de haver um grande número de igrejas pentecostais, cujas doutrinas estão orientadas para a prosperidade através da libertação das doenças espirituais, biológicas e sociais (Maxwell 1998:352-4; Anderson 1999:287-8). Com muita influência sobre a maioria das populações mais desfavorecidas, principalmente nas zonas centro e sul do país, estas igrejas “vendem” serviços de cura constituindo-se alternativas aos hospitais. A segunda razão que concorre para o desequilíbrio ora mencionado está centrada nos discursos de algumas lideranças religiosas. Tais discursos, muitas vezes em consonância com o primeiro factor mencionado acima (prosperidade e cura), são aparentemente baseados em pressupostos religiosos e por isso facilmente seguidos pelos crentes das instituições que os defendam podem não só comprometer a luta contra a pandemia mas também incentivar o crescimento de estigma relacionado a COVID-19 (ver Maúngue 2020, sobre estigma relacionado a COVID-19). É nesta linha que se enquadram os pronunciamentos do pastor Pedro Aleixo que num programa da Fred Jossias Show, difundido em canais de Youtube e Facebook, disse que Deus havia informado a Kacou Phillippe, profeta de sua igreja, que o remédio do coronavírus se circunscrevia ao

abandono do pecado que o teria criado. Seguindo a mesma linha, o profeta Nelson Feliciano Mascarenhas declarou na sua conta oficial de Facebook e num programa da Fred Jossias Show que tem a cura para a doença causada pelo novo coronavírus e desafiou o governo a lhe oferecer oportunidades para testar cientificamente o seu medicamento. Mascarenhas foi ainda mais longe exigindo que decapitassem sua cabeça ou o colocassem numa prisão perpétua caso seu medicamento não funcionasse. Por seu turno, Onório Cutane, um dos profetas com mais seguidores em Moçambique afirmara ainda em Março, através de um vídeo muito partilhado nas redes sociais que o coronavírus havia sido derrotado por completo de modo que os crentes não deveriam se preocupar ([youtube.com/watch?v=oU\\_Tj2FcQpo](https://www.youtube.com/watch?v=oU_Tj2FcQpo)). Entretanto, Cutane viria a mudar de discurso depois de ouvido na Procuradoria Geral da República (PGR).

Os discursos desafiantes às normas estabelecidas por lei não vêm apenas das igrejas evangélicas e pentecostais mencionadas acima. Pois, Maulana Takdir Abdula, um líder muçulmano bastante conceituado em Moçambique, em seu discurso numa palestra havida na mesquita al-Hidaia da Machava esteve alinhado com a ideia de que a pandemia resulta de pecados cometidos e que a sua cura passava por parar de cometer tais pecados entre eles o adultério, sexo exposto e o incumprimento ao *zakat* (caridade, um dos cinco pilares de fé no Islam). Takdir Abudula sublinhou ainda que este castigo vinha provar que aquilo que vem consagrado no Islam como regras de higiene que eram ignoradas pelos muçulmanos e não muçulmanos (por exemplo, lavar as mãos depois e antes de comer e usar sanitários, tapar a boca e o nariz com o braço dobrado ao tossir ou espirrar) são para serem seguidas por todos.

No sentido inverso, Sheikh Umar Aiúba tem recomendado em suas palestras difundidas na rede social Facebook da necessidade de seguir rigorosamente as medidas de prevenção impostas pelas autoridades sanitárias nacionais e em paralelo fazer *duás* (orações) que ajudem a proteger a humanidade das pandemias, pois estes

*duas* existem porque as pandemias também sempre existiram. Discurso similar ao sheikh Umar Aiúba foi proferido recentemente pelo Secretário Geral do Conselho Cristão de Moçambique que exortou aos fiéis a se deslocarem aos postos de saúde e a evitarem curandeiros e profetas no caso de sentirem sintomas de COVID-19 (LUSA, 9 de Julho de 2020).

Os discursos e práticas acima apresentados ilustram o quão desafiante pode ser o cenário proposto no encontro recente entre o Presidente da República e os líderes religiosos e refletido no relatório submetido ao parlamento pelo chefe de estado sobre o fim dos 120 dias do estado de emergência que vigorou de Abril a Julho do presente ano, no sentido de se reabrir os locais de cultos sob a condição do cumprimento das regras de higiene e todas as medidas de prevenção emanadas pelos decretos presidencial nº 11/2020 de 30 de Março e o do Conselho de Ministros nº 51/2020 de 1 de Julho e consubstanciado pela recente declaração do Presidente da República sobre o novo estado de emergência acompanhado de medidas de desconfinamento social que incluem a reabertura condicionada das casas de cultos.

A posição do governo moçambicano neste processo de diálogo com as instituições religiosas refletida nos documentos acima citados (do MJCR e relatório do Chefe do Estado) e nas medidas recentemente anunciadas mostra vontade de evitar uma situação de conflito com um “poder” que apesar de independente a luz da constituição da república tem se mostrado um aliado do Estado e da sociedade em diversos momentos de dificuldades e necessidades.

No entanto, falta da parte do governo usar dessas boas relações existentes com as instituições religiosas para aproveitar a capacidade mobilizadora da religião em prol da luta contra a pandemia da COVID-19, fazendo disso oportunidade de rever a sua relação com a sociedade. Uma dessas oportunidades é a aposta numa das principais componentes da religião que

se tem deteriorado nos últimos tempos, a solidariedade.

Tal como acima descrevemos a partir de exemplos globais e locais, este seria o momento das igrejas abrirem suas portas para apoiar os esforços visando o combate a pandemia, servindo como centros de rastreio comunitário ou hospitais de campanha. Para as igrejas evangélicas que para além das actividades de fórum religioso pouco têm feito no âmbito da responsabilidade social (ex. apoio as escolas e serviços de saúde), esta é uma oportunidade para canalizarem os seus esforços nessa área de saúde sem descuidar as responsabilidades espirituais. Tal como afirmou o pastor americano Remus Wright da Igreja de Fountain of Praise, “o maior e mais importante edifício da igreja são as vidas dos crentes” e é isso que se deve procurar preservar (Hernandez e Slaydon 2020).

As instituições religiosas moçambicanas têm também a oportunidade de usarem da reconhecida capacidade de angariação de apoios e canalizar para os mais necessitados, como algumas já o fizeram no passado e outras fazem agora. Apesar das limitações que os meios tecnológicos podem representar para uma grande parte dos crentes, esta é também uma oportunidade para olhar para os cultos em família e ao domicílio que segundo o Reverendo Hermínio Guifutela da Igreja Metodista Unida de Moçambique “beneficiam não só a igreja mas sobretudo a família que encontra um momento ímpar para estar e falar com Deus”. Para além dos cultos domésticos, pode-se ainda fazer os cultos online, televisionados e radiofónicos como forma de suprir a demanda aos serviços espirituais próprios de momentos de crises como a que assola o mundo.

Assim, a reabertura dos locais de culto se afigura inoportuna porque para além de se ter provado o seu papel de ‘super-spreaders’ do novo coronavírus, no contexto moçambicano as medidas propostas pelo MJCR são de difícil cumprimento e fiscalização. Aliás, há que evitar os exemplos indesejados como os do Brasil onde dezenas de pastores da igreja Assembleia de Deus

e outra dezena de padres católicos perderam a vida vítimas de covid-19 depois de reabrir os locais de culto com o aval do presidente Jair Bolsonaro (Batista 2020), ou do Texas, Estados Unidos, onde uma igreja local fechou pela segunda vez quando um sacerdote morreu também ele vítima da COVID-19 duas semanas após o retorno aos cultos públicos quando o Estado aliviou o confinamento (Poterfield 2020). Nesta perspectiva, importa valorizar uma expressão comum a cristãos e muçulmanos segundo a qual "Deus precisa que as pessoas estejam saudáveis para que o possam adorar".

## Conclusões

Tal como a discussão sobre o conceito de religião que trazemos na introdução deste *policy brief* ilustra, a fé e a crença religiosas têm um elevado potencial de transformar factos e discursos não empíricos em verdades consensualizadas e indiscutíveis nas comunidades de crentes. A partir dessa perspectiva, a 'utopia' da cura através dos milagres promovidos por algumas instituições religiosas passou a arrastar muitas multidões para os templos desviando-os das instituições hospitalares. No entanto, e como ilustramos nas secções anteriores, em tempos da pandemia da covid-19, alguns pastores, profetas e sheikhs ao reproduzirem o discurso que evoca o pecado como a principal causa da doença podem concorrer, por um lado, para a promoção de atitudes de desobediência às regras de prevenção e com isso ao acelerar da propagação da pandemia e, por outro lado, podem potenciar ambientes de estigmatização contra cidadãos infectados com o novo coronavírus pois seriam vistos como pecadores.

Contudo, as lideranças religiosas nacionais, através de atitudes exemplares descritas acima, já demonstraram a sua capacidade de aliar discursos e práticas religiosas com racionalidades médico-sanitárias, o que abre uma via para a busca do equilíbrio entre a fé e as orientações científicas com vista a prevenção da COVID-19. A busca destes consensos entre a religião, a sociedade e as autoridades médicas e governamentais é de extrema importância no

actual contexto visto que permite: 1) evitar situações que coloquem em causa a liberdade religiosa em todas as suas dimensões; 2) que as instituições religiosas consciencializadas no contexto da COVID-19 (ao exemplo da CIMO-Comunidade e do CISLAMO - Conselho Islâmicos de Moçambique, Conselho Cristão de Moçambique e Igreja Metodista Unida de Moçambique) continuem elementos de extrema importância no combate a pandemia e outras calamidades; que as instituições religiosas encontrem uma via segura de continuar a desempenhar o seu importante papel na manutenção da moral e purificação espiritual e psicossocial neste momento crítico da nossa sociedade, evitando que o novo paradigma religioso defendido pelas igrejas pentecostais, baseado na prosperidade material não ponha em causa o valioso contributo das instituições religiosas na sociedade moçambicana, seja na formação da consciência nacionalista (Cruz e Silva 1998) ou na procura da paz (Cruz e Silva 2004).

## Recomendações

A título de recomendações salientamos:

1. Não se afigura oportuno autorizar-se a reabertura dos estabelecimentos de cultos colectivos porque apesar das promessas não existe garantias do cumprimento de todas as condições impostas pelo MJCR e mesmo cumprindo com grande parte dessas condições não há garantia de que se evite o contágio devido a natureza de alguns rituais. No entanto, já que na sua última comunicação à nação o Presidente da República decidiu relaxar as restrições sobre as casas de cultos, há que assegurar o rigorosa observância das medidas de prevenção e aprimorar os mecanismos de fiscalização ao cumprimento dessas medidas incluindo o encerramento imediato de casas de cultos onde essas medidas não são observadas, independentemente do processo ou resultados de testagem dos crentes;



2. O governo deve aproveitar o bom clima de relacionamento que existe com as instituições religiosas para convencer os líderes religiosos a tomar a dianteira na mobilização das comunidades em prol da luta contra a pandemia da COVID-19, bem como apostar na parceria com as instituições religiosas na promoção da saúde e bem-estar participando activamente nas campanhas de prevenção ao COVID-19 e de ajuda aos mais necessitados.
3. Apelar as instituições religiosas ao abandono e condenação de discursos que ponham em causa o cumprimento das medidas de prevenção;
4. Neste período de pandemia as instituições religiosas podem capitalizar das diferentes formas de oração à distancia e consolidar novas formas de desempenhar as suas funções sociais e espirituais sem pôr em causa a saúde dos crentes. A promoção de orações ao domicílio e em família; através das redes sociais, rádios e televisões, disponibilizando suas infraestruturas e recursos para apoiar os esforços das autoridades sanitárias e/ou educacionais são disso exemplos viáveis e contributivos nos esforços de prevenção e mitigação do impacto da pandemia.

## Referências

AGÊNCIA LUSA, 2020, “Covid-19. Quarenta Pessoas foram infectadas em celebração religiosa na Alemanha”. *Observador*, 23 de Maio de 2020. Disponível em: <https://observador.pt/2020/05/23/covid-19-quarenta-pessoas-foram-infetadas-em-celebracao-religiosa-na-alemanha/>.

Almeida, R. e Montero, P., 2001, “Trânsito religioso no Brasil”, *São Paulo em Perspectiva*, 15 (3), pp. 92-101.

ASSOCIATE PRESS, 2020, “In pictures: Muslims around the world celebrate Eid al-Adha 2020”, *News 18*, In: [news18.com/photogallery/india/in-pictures-](https://news18.com/photogallery/india/in-pictures-muslims-around-the-world-celebrate-eid-al-adha-2020/)

[muslims-around-the-world-celebrate-eid-al-adha-2020-2746985.html](https://news18.com/photogallery/india/in-pictures-muslims-around-the-world-celebrate-eid-al-adha-2020-2746985.html).

Anderson, A.H., 1999, “The Lakganyanes and prophecy in the Zion Christian Church”, *Journal of Religion in Africa*, Vol. 29, Fasc.3, pp. 285-312.

Bajornas, R., “ONU realça apoio das religiões no combate e recuperação da covid-19”, *ONU News*, 12 de Maio de 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713322>.

Burke, D., 2020, “The Great Shutdown 2020: What churches, mosques and temples are doing to fight the spread of coronavirus”, *CNN*, 14 de Março de 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/14/world/churches-mosques-temples-coronavirus-spread/index.html>.

Chung, D., 2018, “Evolutionary origin of religion and religions evolution: religions neurosociology”, *Journal of Behavioral and Brain Science*, 8, pp. 485-511.

Conceição, L., 2020, “Covid-19 muda rotina de cultos religiosos em Moçambique”, *DW-Made for Minds*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-muda-rotina-de-cultos-religiosos-em-mo%C3%A7ambique/a-52939761>. Acessado aos 10 de Julho de 2020.

Cruz e Silva, T., 1998, “Educação, identidade e consciencia política: A Missão Suíça no Sul de Moçambique”, *Lusotopie*, pp. 397-405.

Cruz e Silva, T., 2004, “Identidade religiosa e construção de democracia em Moçambique: o caso da Igreja Metodista Unida de Moçambique”, *Travessias*, Vols. 4/5, Lisboa: ICS. Pp. 251-268.

Cruz e Silva, T., 2014, “Religião”, In: Lívio Sansone e Cláudio Furtado (org.), *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos Países de Fala Oficial Portuguesa*, Salvador: EDUFBA. Pp. 423-429.

Dadoo, S., “Como um evento Sionista de ‘diplomacia espiritual’ tornou-se foco do covid-19 na África do Sul”, *MEMO – Monitoria do Oriente Médio*, 9 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200409-como-um-evento-sionista-de-diplomacia-espiritual-tornou-se-foco-do-covid-19-na-africa-do-sul/>.

Faria, L. M., “Como o secretismo de uma seita ajudou a propagar o coronavírus: Na Coreia do Sul, país onde abundam as seitas, o escândalo é apenas o mais recente de muitos”, *msn notícias*, 3 de Março de 2020.

disponível em: <https://www.msn.com/pt-pt/noticias/mundo/como-o-secretismo-de-uma-seita-ajudou-a-propagar-o-coronav%C3%ADrus/ar-BB1oHLfF>.

Fernandes, D., 2020, “Coronavírus: o encontro religioso que acelerou as contaminações na França”, *BBC News Brasil*, 12 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51858296>.

“Profecias versus Coronavirus”, *Fred Jossias Show*, 28 de Março de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nt8tg1uiYhQ>.

Guimarães, M. J., 2020, “Política e Religião em tempo do novo coronavírus”, *Público*, 9 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/09/mundo/noticia/politica-religiao-tempo-novo-coronavirus-1907034>.

Hanna, A., 2020, “What Islamists are doing and saying on covid-19 crisis”, *Wilson Centre*, 14 de Maio de 2020. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/what-islamists-are-doing-and-saying-covid-19-crisis>.

Haridy, R., 2020, “Covid-19 case studies: anatomy of three ‘super-spreader’ Clusters”, *New Atlas*. Disponível em: <https://newatlas.com/health-wellbeing/covid19-case-studies-coronavirus-superspreader-clusters-cdc-report/>.

Hernandez, H. e Slaydon, A., “What are covid-19 ‘super-spreaders’ and why are church choirs on the list?”, *Click2Houston*. Disponível em: <https://www.click2houston.com/health/2020/05/29/what-are-covid-19-super-spreaders-and-why-are-church-choir-lofts-on-the-list/>.

INE, 2019, “Resultados Definitivos”. *Cerimónia Central*, 29 de Abril de 2019. Disponível em: [www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz).

Javed, N., 2020, “Eid al-Adha 2020: Muslims around the World celebrate with family and feasts”. In: [gulfnews.com/photos/news/eid-al-adha-2020-muslims-around-the-world-celebrate-with-family-and-feasts-1.1596097632931?slide=1](http://gulfnews.com/photos/news/eid-al-adha-2020-muslims-around-the-world-celebrate-with-family-and-feasts-1.1596097632931?slide=1).

Kim, W., e Dalrymple, T., 2020, “To cancel or not to cancel: that is the question”, *Christianity Today*. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2020/march-web-only/walter-kim-nae-timothy-dalrymple-cancel-church-or-not.html>.

Khan, T., 2020, “How families are celebrating Eid al-Adha this year: you can make the festival feel special for kids, without having to leave home”. *The New York Times*. In: [nytimes.com/2020/07/31/parenting/eid-al-adha-families-coronavirus.html](http://nytimes.com/2020/07/31/parenting/eid-al-adha-families-coronavirus.html).

Maulana Takdir Abdula, 2020, *Coronavírus: lições a tirar/ devemos ter medo?*, Palestra proferida na Masjid al-Hidaia da Machava, 20 de Março de 2020.

Maxwell, D., 1998, “Delivered from the Spirit of poverty?: Pentecostalism, prosperity and modernity in Zimbabwe”, *Journal of Religion in Africa*, Vol. 28, Fasc. 3, pp. 350-373.

Onório Cutane in: [youtube.com/watch?v=oU\\_Tj2FcQpo](https://youtube.com/watch?v=oU_Tj2FcQpo).

ShareAmerica, 2020, “Grupos religiosos americanos combatem a covid-19 em todo o mundo”, *ShareAmerica*, 20 de Maio de 2020. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/grupos-religiosos-dos-eua-combatem-a-covid-19-no-mundo-inteiro/>.

Porterfield, C., 2020, “Church-related coronavirus outbreaks as Trump Pushes for reopening”, *Forbes*. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/carlieporterfield/2020/05/23/church-related-coronavirus-outbreaks-reported-as-trump-pushes-for-reopening/#3ba90be73ba5>.

Sheikh Umar Aiúba, “Coronavirus”, <https://www.youtube.com/watch?v=5T1wOKZhCf4>.

Urban, H., 2005, “Politics and Religion: an overview”, In: Mircea Eliade (ed.), *Encyclopedia of Religion*, Vol. 11, 2.ed., Detroit: Macmillan. Pp. 7248-7260.

Wood, C. and Shaver, J.H., 2018, “Religion Evolution and the Basis of Institutions: The institutional cognition model of religion”, *Evolutionary Studies in Imaginative Culture*, Vol. 2, N°2, pp. 1-20. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/10.26613/esic.2.2.89?s\\_eq=1&cid=pdf-reference#references\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/10.26613/esic.2.2.89?s_eq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents).